

**A UTOPIA É A NOSSA DISTOPIA:
A realidade moldada em o homem do castelo alto**

**UTOPIA IS OUR DISTOPIA:
The reality formed in the man of the high castle**

Erico Monteiro da Silva¹

Resumo: O objetivo deste artigo é discutir a distopia presente em O Homem do Castelo Alto e, a partir dos conceitos da literatura utópica e distópica analisar o funcionamento do espectro nazista na obra. Para esse empreendimento utilizamos os conceitos teóricos utópicos e distópicos em Vieira (2010), Clayes (2010) e Clayes e Sargent (1999). As literaturas distópicas funcionam como críticas sociais e políticas, a distopia funciona como um alerta às tendências utópicas que se mostram modelos de realizações perfeitas para a humanidade, mas as consequências são falaciosas e totalitárias. Observamos que Dick (2009) utiliza desse gênero para demonstrar como seria um mundo dominado pelo nazismo pós II Guerra Mundial e como a consciência coletiva iria se adaptar nesta realidade alternativa.

Palavras-chave: Utopia. Distopia. Ficção.

Abstract: The objective of this article is to discuss the dystopia present in The Man in the High Castle and from the concepts of utopian and dystopian literature to analyze the functioning of the Nazi spectrum in the work. For this project we used the utopian and dystopian theoretical concepts in Vieira (2010), Clayes (2010) and Clayes and Sargent (1999). The dystopian literature function as social and political criticism, dystopia serves as a warning to utopian tendencies that show models of perfect achievement for humanity, but the consequences are fallacious and totalitarian. We note that Dick (2009) uses this kind would be to demonstrate how a world dominated by the Nazis in post World War II and how the collective consciousness would fit in this alternate reality.

Keywords: Utopia. Dystopia. Fiction.

1 INTRODUÇÃO

Os livros distópicos possuem, em suas diversas características, de modo radical, o alerta sobre as consequências de ideias sociopolíticas e tecnológicas que pretendem protagonizar o progresso humano. As distopias, ao contrário das utopias e suas sociedades racionalmente felizes, demonstram um futuro catastrófico com elementos do fantástico e ou realista, mas em sua maioria, apresentam o hoje disfarçado de amanhã. A obra de Phillip K.

¹ Doutorando e Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE; graduado em Letras – Português e Inglês pela Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE. Email: eric9r@gmail.com.

Dick, *O Homem do Castelo Alto*, carrega esses elementos característicos distópicos, entretanto, a mistura de romance realista e distópico tornam a obra, não apenas uma atualização do (sub)gênero, mas insere questões mais profundas além que vai além das realidades alternativas. Com a realidade alternativa, o autor, utiliza a consciência e o cotidiano dos personagens que giram sobre o espectro sociopolítico dominador, demonstrando uma sociedade já conformada com a sua situação.

A obra é ambientada em um período pós Segunda Guerra Mundial, em que os países do eixo, Alemanha, Japão e Itália venceram a guerra e, a Alemanha e Japão expandiram seus domínios territoriais por todo o mundo. Ditando as regras, modificando fronteiras e, principalmente, a realidade, graças a ideologia nazista posta em prática. É a partir dessa perspectiva ideológica que a história é moldada, demonstrando como seria o mundo caso a Alemanha Nazista conquistasse o seu objetivo: o controle social e o expansionismo territorial, determinando desde as atividades políticas e financeiras, até as culturais e educacionais. Em conjunto, o Japão aparece com as questões culturais e religiosas mais bem exploradas no cotidiano dos personagens que habitam o lado Americano administrado pelos japoneses.

Apesar de o espectro nazista rondar a narrativa, a perspectiva japonesa proporciona a existência do misticismo religioso, representado por o livro *I Ching*, uma espécie de oráculo para os consulentes, que desempenha uma função análoga a uma muleta psicológica nas ações e previsões para o futuro, além de influenciar diretamente a vida dos personagens. Também há o livro proibido na Alemanha e em todos os territórios por eles administrados, *O Gafanhoto Torna-se Pesado*, que mostra outra estória alternativa na qual os Alemães e Japoneses perderam a guerra e o mundo é controlado pela Inglaterra e os Estados Unidos, uma outra realidade alternativa também totalitária, configurando uma realidade espelho.

O Homem do Castelo Alto é uma obra de ficção alternativa distópica que nos apresenta, aos poucos por meio dos personagens, essa realidade alternativa totalitária. Não se trata de um futuro assustador – apesar de os judeus precisarem viver sobre outra identidade para evitar o extermínio ou os negros e africanos, que dos poucos que restam, são escravos – o livro narra de fato outra realidade sem questionamentos morais comparativos com a realidade do leitor, talvez esteja nesse fator a riqueza e liberdade da obra frente a outras do gênero, pois não insere o “e se”, mas outra realidade a partir de acontecimentos aparentemente do cotidiano.

A estrutura narrativa da obra em questão possui alguns dos elementos distópicos comuns, mas não há exageros, como a “realidade” e o conhecimento fabricado que decorre o esquecimento como manipulação e controle social; tão pouco um herói questionador e curioso

que transita entre dois lugares distópicos nos quais a sexualidade e as relações são completamente diferentes; muito menos há queimas de livros como meio de censura e controle emocional tornando a sociedade apática e insensível. A realidade parte de uma entidade que o estado totalitário toma para si formando a sua consciência, o Nazismo. Contudo, essa entidade presente do espectro nazista é diluída, graças ao *I Ching* e *O Gafanhoto Torna-se Pesado*. É a partir dessa diluição que as questões sobre a nossa realidade vêm à tona, pois o controle social e político, em conjunto com as questões religiosas e o sonho de outra realidade possível são postas pelo autor como modeladores de algumas camadas da realidade e não sua totalidade.

Para chegar a tais conclusões, precisamos apontar os indícios teóricos e marcados na própria obra, para isso passaremos por uma questão importante sobre a utopia e a distopia, por serem conceitos complexos, se pensarmos que as ideias que perpassam nas obras precisam elevar à máxima “sua utopia é a minha distopia”, e a crítica social presente nas distopias que caracterizam tal gênero que surgem como um aviso à fatalidade decorrente da ideologia assumida pelo Estado totalitário.

2 DICK E O HOMEM DO CASTELO ALTO

A questão principal de Philip Kindred Dick (nascido em Chicago, em 16 de Dezembro de 1928, e faleceu em Santa Ana, em 02 de Março de 1982) muito presente na sua biografia, composto por 44 romances e mais de cento e vinte contos, é o questionamento sobre a realidade e o que realmente seria esta realidade. Peake (2015) nos mostra que Dick ganhou notável repercussão quando as obras de ficção científica estavam no auge em uma época em que as invenções tecnológicas suscitavam, no imaginário, grandes feitos, quando os aviões movidos a hélice davam lugar, aproximadamente em cinquenta anos, a jatos e jatos cediam espaços a espaçonaves lançadas por foguetes. Na mesma época, o medo rondava o imaginário devido ao uso da bomba atômica, selando o fim da Segunda Guerra Mundial. Não era de se surpreender que diversas obras se debruçassem sobre os temas de explorações intergalácticas e do fim do mundo ou um mundo apocalíptico presente nas ficções científicas. Os caminhos de Dick perpassariam as tecnologias e as relações com a humanidade de forma mais complexa, segundo Peake as ideias

colhidas da ciência e da ficção científica, além de um conhecimento amplo de música, literatura, filosofia e teologia, acotovelavam-se para encontrar um lugar na mente de PKD. Humanos e andróides, alienígenas e terráqueos, Spinoza e Sófocles, Deus e Belzebu, todos

foram misturados na sopa “phildickiana” que girava dentro da sua cabeça. (PEAKE, 2015, p. 26).

Com tantas referências em mente, Dick viveu, apesar de controversa, de forma a contribuir com a sua criatividade adicionando “imersão em realidades paralelas mediante uso de substâncias psicoativas” (PEAKE, 2015, p. 16), lhe fornecendo ideias a partir das visões com supostos espíritos, extraterrestres e entidades além do tempo e espaço. Possuía um estilo de escrita peculiar creditado aos efeitos de anfetaminas durante a escrita. Aliado ao estilo do seu principal influenciador e precursor, A. E. Van Vogt, no desenvolvimento de diversas obras, marcante em *O Homem do Castelo Alto*. A influência de Dick foi além das páginas dos livros, chegando até o cinema com adaptações de algumas de suas obras como a adaptação livre do romance *Androides Sonham com Ovelhas Elétricas?* (2014) originando o aclamado filme *Blade Runner – O Caçador de Androides*, dentre outros conhecidos pelo grande público.

O Homem do Castelo Alto foi um dos seus primeiros trabalhos no gênero, livro ganhador do prêmio Hugo², escrito a partir da junção da ficção científica com técnicas narrativas realistas e traços da filosofia oriental. Apesar de revolucionário à época, Peake (2015) afirma que o argumento narrativo foi influenciado pelo livro de ficção científica *Bring the Jubilee* (1999 [1953]), de Ward Moore que possui uma versão alternativa da guerra civil americana e da Primeira Guerra Mundial, em que descreve um mundo dominado pelos confederados do sul (por toda a América) e os alemães (por toda Europa), além de conter um livro que narra outra versão alternativa dos acontecimentos, mas sem desenvolvê-la de fato na estória.

A partir dessa premissa, Dick desenvolve a estória das realidades alternativas coexistindo (mas não paralelas) e acrescenta elementos até então inéditos no gênero, como a percepção de um personagem central sobre a sua realidade ficcional, apenas vista em obras literárias do realismo mágico de Jorge Luiz Borges e Gabriel García Márquez e, mais a frente como elemento básico das ficções pós-modernista. Outro recurso narrativo utilizado por Dick é a mudança de perspectiva diferente a partir do personagem utilizado na trama, no caso, cada um dos personagens possui subtramas que se conectam sem forçar a narrativa, pois cada qual funciona para dar dinamismo ao enredo. Este recurso narrativo, inédito até então, torna ainda mais *O Homem do Castelo Alto* uma obra revolucionária.

2 O Hugo homenageia Hugo Gernsback, um inventor americano, escritor e editor de revista que é conhecido como “o pai da ficção científica”, uma vez que se considera que produziu a primeira revista do gênero. Os Prêmios Hugo são apresentados na conferência mundial anual de ficção científica, a Worldcon, que acontece numa cidade americana diferente a cada ano (PEAKE, 2015, P. 80).

Como vimos anteriormente, a estória se passa em um mundo controlado pelos países do eixo – Alemanha, Japão e Itália – mas os acontecimentos da trama se passam na EAP (Estados Americanos do Pacífico), do lado controlado pelo Japão. Cada um dos cinco personagens funcionam de forma independentes, muito por conta da forma que foi estruturado a obra, dando-lhes tramas suficientes para serem exploradas em obras particulares se o autor desejasse.

Na trama temos os personagens: Nobusuke Tagomi, o chefe da missão comercial japonesa, contemplativo e ponderado, tem grande influência de suas crenças budistas e confucionistas. O único que acaba tendo consciência de si, também é um dos personagens que mais utiliza o I Ching. Sua importância na trama é intermediar, sem tomar conhecimento prévio, dos objetivos obscuros dos alemães em relação aos japoneses; Frank Frink (Fink), judeu disfarçado e operário que perdera o emprego e para se manter, junto de seu novo sócio, Ed McCarthy, confecciona joias. Sua importância surge mais no efeito da sua existência e atos para os demais personagens, direta e indiretamente (para o comerciante, sua ex-mulher e para o Sr. Tagomi), além de mostrar as tensões de ser um judeu em linhas nada amigáveis, poderia ser deportado para os campos de concentração; Juliana Frink, ex-mulher de Frink e professora de Judô em Canon City, Colorado, nas áreas neutras da EAP se vê em uma conspiração depois de se relacionar com um suposto ex-combatente italiano que participou dos conflitos que ocasionaram o extermínio dos africanos e esvaziamento da África, Joe Cinadella. Sua trama gira em torno de um plano alemão sobre o responsável pelo livro *Gafanhoto Torna-se Pesado*.

Juliana é a personagem que questiona o estado das coisas e sempre está à procura de melhoras, não se encaixa na sociedade já conformada e é a partir da sua trama que temos consciência da outra realidade presente no livro. Sua busca por respostas leva-nos ao autor do livro, Hawthorne Abendsen, mas conhecido como o Homem do Castelo Alto. Abendsen poderia ser identificado aqui como o próprio Dick diante da revelação de como concebera o livro, ao afirmar que em “cada caso, ao fazerem uma pergunta, eu jogava as moedas e anotava o hexagrama que recebiam. Isso orientava o rumo do livro. Como no fim, quando Juliana Frink está decidindo se conta ou não a Hawthorne Abensen que ele é alvo de assassinos, a resposta indicava que ela deveria contar³”. Aqui podemos perceber que Abensen é uma projeção de Dick, perceptível no final do livro.

Robert Childan, comerciante proprietário da American Artistic Handcrafts, possui relações mais diretas com os japoneses, por vender antiguidades americanas bastante

³ Disponível em https://urbigenous.net/library/vertex_pkd.html. Trecho traduzido por Ludimila Hashimo (PEAKE, 2015, p. 77).

apreciadas, é o personagem que assimilou a cultura e os modos nipônicos. É a partir deste personagem que obtemos informações sobre o pensamento e ações japonesas nesta realidade. Com ambições de ser aceito por igual, Childan é o que tem um interessante crescimento na trama, graças às peças fabricadas por Frink, surge nele certo nacionalismo ao confrontar a imagem dos japoneses sobre os habitantes da EAP e seus produtos; Mr. Baynes, um rico industrial sueco que viajara a negócios e iria se encontrar com o Sr. Togomi, na verdade é o Capitão Rudolf Wegener e secretamente revelaria segredos que fariam as tensões entre Alemanha e Japão se acentuarem. Mr. Baynes nos fornece algumas reflexões sobre a mente nazista e os horrores causados por tais ideais, além de nos integrar nos rumos tomados até então. Com a morte do chanceler Bormann que chocou a Alemanha e criou uma tensão interna, causando novos acontecimentos e influenciando os passos do Mr. Baynes e do Sr. Tagomi, as incertezas aumentaram e uma guerra fria ou uma guerra mundial poderia surgir a qualquer momento.

A ambientação e os elementos filosóficos e religiosos presentes na obra tornam as características distópicas descentralizadas, pois o enredo privilegia a visão dos personagens e como eles estão inseridos nessa realidade. Apesar do questionamento sobre a política imperialista do eixo e as suas ideologias racistas e marginalizadoras, não há uma tensão contra este estado, mas camadas de realidades que percebem o estado distópico na qual os personagens vivem já adaptados. Está distopia pode ser evidenciada a partir de alguns estudos que conceituam esse gênero e ajudam a entender a singularidade desta obra frente a importantes do seguimento distópico.

3 A UTOPIA É A DISTOPIA

O Gafanhoto Torna-se Pesado é um livro utópico ou distópico dentro de uma narrativa distópica? Pode parecer que a obviedade da resposta seja simples, é distópica. Entretanto, se nos lembrarmos que estamos em uma narrativa de um mundo alternativo e as inspirações e perspectivas são advindas de um mundo já totalitário, pensar em um mundo diferente com posições ideológicas diferentes em que a ordem seja controlada por outro tipo de espectro melhor do que a nazista, pode-se dar ao luxo de pensar em uma utopia (totalitária). O que seria então utopia e distopia? Para entendermos esta dicotomia faremos luz a conceitos e à obra *O Homem do Castelo Alto* para entendermos que as utopias e distopias funcionam a partir do presente, ou seja, o estágio atual da sociedade em que fora escrito tal obra e suas

aspirações futuras retratadas de modo positivo ou negativo, buscando sempre um alerta ou uma crítica social por meio da ficção científica.

De acordo com Vieira (2010), as definições dadas a utopia (não-lugar) não devem ser interpretadas apenas como um neologismo, ou seja, a nomeação de algo ou nova condição pertencente a um lugar imaginário. Sendo assim, segundo Vieira, a palavra utopia muitas vezes é utilizada como raiz para a formação de novas palavras que são, de fato, neologismos de derivação. E com a criação de cada nova palavra associada, o conceito de utopia assume um significado mais preciso. A palavra utopia utilizada por Thomas More para intitular seu livro, demonstra uma sociedade organizada, mas, segundo a autora, difere da República de Platão que também projeta uma cidade, mas essa, em comparação a More, é inferior por ser apenas um esboço. Na mesma linha de raciocínio, a utopia encontrada em Santo Agostinho, nos volumes de *A cidade de Deus*, difere da *Utopia* de More, pois para Agostinho, o lugar perfeito só era possível alcançar na vida após a morte. O conceito de utopia como hoje concebemos advém da literatura moderna, em que deixa o neologismo para se tornar uma palavra derivadora de outras (eutopia, distopia, anti-utopia, alotopia, euchronia, heterotopia, ecotopia, hiperutopia etc.), assim, a definição para este léxico se torna mais compreensível apesar da dualidade entre o gênero literário, utilizador de narrativas tecnológicas futuristas e sociedades avançadas imaginárias, ou um pensamento político-social que pretende ditar os avanços de uma sociedade real almejando uma ideal ou um ideal.

Apesar dessa dualidade, Vieira (2010) demonstra que o ideal político e a literatura não seguiram caminhos distintos⁴, ambos se confundiam nas narrativas. O pensamento de algo novo e humano perpassou os séculos XVIII e XIX em ensaios políticos e filosóficos, uma crença em renovação da ordem natural das coisas, um sistema moral em conjunto com a felicidade política para assegurar um futuro magnífico de educação e disciplina como meios para a construção do novo homem capaz de erguer cidades fundamentadas nas leis morais advindas do intelecto. Este ideal é encontrado nos chamados socialistas utópicos, um movimento heterogêneo de ideias com um objetivo em comum, a reconstrução da sociedade. Neste contexto, Vieira (2010) afirma que Marx e Engels eram críticos do socialismo utópico, mesmo cientes que os socialistas estavam à frente do seu tempo, ao utilizar a teoria do materialismo histórico ao propor que a própria história causaria a destruição do capitalismo, entretanto, os homens seriam fundamentais para acelerar este processo, conceituada como

4 A afirmação se refere de política, ideologias, especulações, críticas, dentre outros que circulam por meio de contos, romances e outros gêneros literários. Não se refere as áreas do conhecimento político e literário que são independentes no seu desenvolvimento.

teoria do materialismo dialético, era utópica na medida em que imaginavam o futuro e ofereciam imagens promissoras de liberdade, estabilidade e felicidade. De certo, se as teorias do materialismo histórico e dialético, supostamente científicas, são as imagens do futuro resultante da revolução política, sem dúvida são especulativas. Com a incorporação das perspectivas utópicas por Marx e Engels, a compreensão do desenvolvimento do pensamento e da literatura utópica receberiam uma virada, passando de apenas uma busca de um lugar distante como ideal, para se tornar uma mudança local mais próximo, o nascimento de uma sociedade sobre a já existente.

Segundo Claves e Sargent (1999, p. 16), como “gênero literário, a utopia refere-se a obras que descrevem uma sociedade imaginária com algum detalhe. O pensamento utópico construído de forma mais ampla, no entanto, não se restringe à ficção e inclui também visionário, milenarista e apocalíptico”. Para facilitar mais a compreensão, os autores categorizam o gênero literário da seguinte forma: (1) Utopismo – sonho social, palavra derivada da “utópica”, refere-se as várias formas de imaginar, criar e ou teorizar sobre as formas alternativas, por vezes radicais, de vida. (2) Utopia – uma sociedade inexistente descrita em detalhes, normalmente com tempo e espaço localizados. (3) Eutopia ou utopia positiva – uma utopia em que o autor objetiva que o leitor contemple uma sociedade melhor em comparação a do leitor. (4) Distopia ou utopia negativa – uma utopia com objetivos de mostrar ao leitor uma sociedade radicalmente pior em relação a do leitor contemporâneo. A palavra distopia entrou em uso não só para se referir a lugares imaginários que eram piores do que os lugares reais, mas também para trabalhos descrevendo lugares como frutos da corrupção da utopia. (6) Sátira utópica – uma crítica à sociedade existente. (7) Anti-utopia – uma crítica do utopismo ou de alguma eutopia particular. aponta uma direção completamente oposta da utopia. Se a utopia é sobre esperança, e a utopia satírica é sobre desconfiança, a anti-utopia é sobre descrença total, seu único objetivo é denunciar a irrelevância e inconsistência do sonho utópico e como a sociedade pode ruinar-se. (8) Euchronia – a história era agora vista como um processo de melhoria infinita, uma narrativa dinâmica em que insere a noção de tempo e futuro levando em consideração as transformações do lugar utópico e suas projeções futuras. (9) Utopia crítica – uma sociedade contemporânea ideal, mas com problemas que pode ou não ser resolvidos, além de possuir na sua narrativa uma visão mais crítica do gênero utópico. Dessas definições, a utopia e a distopia são as mais utilizadas, por vezes, separadas por detalhes, mas facilmente identificadas graças a degradação humana e o tipo de controle social.

O primeiro texto considerado distópico, *A Nova Utopia*, de Jerome K. Jerome, de 1891, surge como uma sátira utópica ao pensamento amplamente difundido na Europa do Séc. XIX, os manifestos socialistas e comunistas. A estória narra um homem que após beber e comer do bom e do melhor com amigos militantes dos ideais da igualdade, após ir para casa e cansado de tanto pensar nos discursos no qual estava simpático, adormece e acorda mil anos depois, em uma Londres futurista do Séc. XXIX. É acompanhado por um guia que lhe explica o funcionamento dessa sociedade avançada que abole qualquer tipo de diferenças naturais e sociais entre os seus habitantes. Com elementos que serão utilizados posteriormente na literatura distópica, Jerome cria uma narrativa em que narra as consequências de ideias utópicas que são corrompidas e transformadas em ideais totalitários. Essas características são encontradas nos livros posteriores ao conto de K. Jerome, como em *A Máquina do Tempo*, de 1895, de H. G. Wells e *Nós*, de 1924, de Ievgueny Zamiatin.

De acordo com Claves (2010), as distopias são, de fato, bastante críticas em relação às sociedades que refletem. Descrevem um retrato fictício de uma sociedade em que o desenvolvimento utópico social e político abarcou apenas uma parcela da sociedade, lhe concebendo vantagens, ou como uma sátira de aspirações utópicas que tentam demonstrar suas falácias. Claves (2010, p. 108), aponta que “o desejo de criar uma sociedade muito melhorada, na qual o comportamento humano era dramaticamente superior à norma, implica uma tendência intrínseca para métodos punitivos de controle do comportamento que inexoravelmente resulta em alguma forma de estado policial⁵”. A gênese desses estados totalitários se encontram sutis nas obras, por isto é preciso observar os detalhes individuais nos personagens, pois neles estão a perspectiva do discurso totalitário a favor ou contra; da comunidade ou grupo que defendem tais ideais e os insurgentes contrários, em posições opostas nas relações de forças que tem como objetivo o poder na organização pessoal, familiar e social; o Estado que oficializa o controle e manutenção do regime pela força, medo e alienação, utilizando a estagnação social, econômica e cultural dos indivíduos que compõem tais comunidades ou grupos. Estes pontos podem servir para o reconhecimento ou hipóteses de uma obra distópica, além da sua ambientação.

Esses traços estão presentes em obras como *Admirável Mundo Novo*, de 1932, de Aldous Huxley, ou em *1984* (1945), de George Orwell. Nestes casos, a definição serve às distopias totalitárias que claramente são distopias por explicitar as realidades refratadas.

⁵ *the desire to create a much improved society in which human behaviour was dramatically superior to the norm implies an intrinsic drift towards punitive methods of controlling behaviour which inexorably results in some form of police state.* - Tradução do autor.

Cenários que podem estar no real, bastando eliminar os exageros narrativos, por exemplo, uma viagem a outros planetas pode ser considerada ficção científica no século XX, mas no século XXII pode ser uma realidade e explorado na literatura distópica. Outros cenários com distopias eugênicas podem ser aceitáveis, mas o mundo dominado por seres alienígenas, ou robôs, ou cenários apocalípticos retratando o final dos tempos por meio de Deus no Dia do Julgamento, segundo Claves (2010), podem ambientar-se com elementos distópicos (bem como utópico, ou ambos simultaneamente), mas textos demonstrando tais eventos não são “distopias”. Podemos pensar que as questões do totalitarismo e das questões advindas do progresso científico e tecnológico que, em vez de impulsionar a humanidade para a prosperidade, tem sido fundamental para o estabelecimento do controle social e político. As primeiras imagens de um futuro onde os resultados da pesquisa científica e do progresso tecnológico foram mal utilizados, são características básicas do cânone das distopias e, de fato, inspiraram gerações de autores.

A obra de Dick, *O Homem do Castelo Alto*, apesar de conter outros elementos e, ainda assim, pertencer a uma obra distópica, é mencionada pouco como uma obra do cânone distópico. Por obedecer à lógica de tempo e espaço não característicos nas obras de ficção científica distópica, e por ter sido ambientada na época da guerra fria, onde o mundo estava dividido politicamente entre os EUA e a União Soviética, deixa claro que este mundo alternativo distópico é o nosso mundo refratado, com o desfecho de uma parte importante da história que poucos desejariam.

4 A DISTOPIA EM O HOMEM DO CASTELO ALTO

Vieira (2010) alega que a distopia literária utiliza os mesmos dispositivos narrativos da utopia literária, incorporando em sua lógica os princípios de echronia, mas prevê que as coisas acabarão de modo ruim. Na obra de Dick, a echronia possui uma premissa macabra, a ideologia nazista alemã. Ideologia fundamentada no Racismo⁶, doutrina que naturaliza preconceitos e expressam a força vital de uma raça sobre a outra, manipulando a realidade com fins violentos ou abjetos sobre a raça alvo. Evidenciado no trecho em que Childan vai ao

6 “Doutrina segundo a qual todas as manifestações histórico-sociais do homem e os seus valores (ou desvalores) dependem da raça; também segundo essa doutrina existe uma raça superior (“ariana” ou “nórdica”) que se destina a dirigir o gênero humano (...) Como o anti-semitismo era antigo na Alemanha, a doutrina do determinismo racial e da raça superior encontrou fácil difusão, traduzindo-se no apoio dado ao preconceito contra os judeus e à crença de que existe uma conspiração judaica para dominar o mundo; assim, o capitalismo, o marxismo e, em geral, as manifestações culturais e políticas que enfraquecem a ordem nacional são fenômenos judaicos”. (ABBAGNANO, 2007, p. 883 – 884).

encontro do Sr. Tagomi e precisa encontrar tanto um escravo negro para carregar a sua bagagem, quanto para se locomover até o local:

No fundo, pensou Childan, até que eu acharia divertido carregar minhas próprias malas dentro do Nippon Times, em plena luz do dia. Mas que grande gesto seria. Não seria exatamente ilegal, não me poriam na prisão. E eu revelaria meus sentimentos reais, o lado de um homem que nunca aparece na vida pública. Mas... Eu poderia fazer isso, pensou, se não fossem aqueles malditos escravos negros espiando por todos os lados; suportaria os olhares dos que estão acima de mim, seu desprezo... Afinal, eles me desprezam e humilham todos os dias. Mas sentir o desprezo dos que estão abaixo de mim? Como esse chinês pedalando aqui à minha frente. Se eu não tivesse tomado um bicitáxi, e ele me tivesse visto tentando ir a pé a um encontro de trabalho... (DICK, 2015, p. 33).

A utopia nazista conduz a realidade alternativa, mas a noção de superioridade racial também se encontra com os Japoneses que tornam os objetos de valor históricos como meros suvenires e a cultura local um tanto exótica para os padrões orientais. Este ponto é notado na trama, mas são normalmente pontos associados à cultura, e o modo de perceber a realidade pelos personagens. Na narrativa, Childan já havia incorporado o nazismo nas suas ideias e os modos nipônicos como modelos de socialização. De um ponto de vista teórico, Clayes (2010) percebe que o conceito de distopia tem sido muito contestado, muitas eutopias ou sociedades ideais tendo elementos distópicos como um efeito de causa nas sociedades com ideias utópicas delineiam as narrativas, como em *Admirável Mundo Novo*, que viam as suas sociedades, a partir da visão de cada personagem, como uma sociedade ideal e considerando como contra ponto o outro como incivilizado ou animalizado, porém, as falhas eram percebidas e criavam uma ideia utópica sobre um terceiro lugar mais liberto. Entretanto, o tempo e espaço da narrativa de Dick não indica uma sociedade idealizada, mas uma sociedade em construção a partir das ideias nazistas e do controle nipônico sobre as colônias.

Aliando os elementos distópicos que evidenciam a tecnologia e a ciência, é perceptível que são postas em segundo plano tais elementos, mas são utilizadas como instrumentos metodológicos para soluções de domínio, controle ou extermínio, demonstrando o viés de superioridade percebida e aceita por um dos personagens

foram necessários duzentos anos para resolver o problema dos aborígenes americanos, e a Alemanha quase completara o serviço na África em quinze anos. Portanto, não era possível fazer nenhuma crítica legítima. Childan havia, na verdade, discutido o assunto recentemente num almoço com alguns desses comerciantes. Os outros esperavam milagres, evidentemente, como se os nazistas pudessem remodelar o mundo por magia. Não, aquilo era ciência, tecnologia e aquele fabuloso talento para trabalho duro; os alemães nunca deixavam de se esforçar. E quando executavam alguma tarefa, executavam-na direito. (Dick, 2015, p. 35)

A questão racial é um desejo de criar uma sociedade modelo, tal sociedade modelada à imagem nazista não configura uma utopia, já que não é uma característica utópica os meios de extermínio ou uma raça ou parte de uma elite manter o controle para alcançar um ideal universalista. A distopia torna-se a expressão predominante do ideal corrompendo o ideal utópico, demonstrando os fracassos colossais do coletivismo totalitário que encarnam os desejos utópicos, mas não se preocupam com os meios para alcançar os fins. Dick não se preocupa com a ideia de um mundo fracassado, mas um mundo em construção, uma eutopia e uma distopia, por falta de uma melhor definição, ambos os conceitos transitam na obra sem decorrer incoerências. Childan é o personagem que compreende os fins nazistas e se conforma, muito consolado por uma ideia racista na qual ele não se vê vítima, apenas infeliz por não ser alemão:

o que os nazistas têm e que nós não temos... é nobreza. Podemos admirá-los pelo seu amor ao trabalho ou por sua eficiência... mas é o sonho o grande motivador. Os voos espaciais à Lua, depois a Marte; o desejo mais antigo da humanidade, nossa maior esperança de glória. Agora, os japoneses, por outro lado. Conheço-os muito bem. Afinal, faço negócios com eles praticamente todos os dias. São – vamos encarar os fatos – orientais. Amarelos. Nós, brancos, temos de nos curvar diante deles porque eles têm o poder nas mãos. Mas nós estamos vendo a Alemanha; estamos vendo o que pode ser feito nas regiões conquistadas pelos brancos, e é muito diferente. (P. 35).

Na narrativa distópica, há a necessidade de saciar a vontade de destruir um grande número de “inimigos” locais em nome dos objetivos do regime, assim os judeus precisaram ser exterminados, devido a ser creditados a eles o controle eficaz dos meios de produção e mídia, em Dick, esse sentimento é particularmente nazista, como evidenciado no trecho “japas não mataram judeus, nem durante nem depois da guerra. Os japas não construíram fornos” (ibidem, p. 46).

Apesar do desenvolvimento, o aforismo nacionalista de Childan contém elementos nazistas, demonstrando a consciência ainda moldada sobre esse espectro. Por outro lado personagem, Baynes, não se vê sobre esse espectro, apesar disso, suas ações giram, mesmo contrário a este mundo moldado pelos nazistas, pergunta se realmente pertence a essa espécie, diferente de Childan, que branco crer não ser diferente, Baynes, ao retrucar um jovem alemão sobre o seu parentesco por ser branco, questiona: “Terei mesmo algum parentesco racial com esse homem?” (ibidem, p. 52), neste momento percebemos que o personagem funciona como um agente com consciência sobre a sua realidade na narrativa e revela ao leitor a grande questão nazista e a utopia Alemã.

Como visto anteriormente, por retratar essa realidade do lado controlado pelo Japão, as imagens distópicas nazistas são apresentadas pelos personagens centrais. O mentor das ideias totalitárias nazistas, Hitler, está em queda, fora da liderança e doente “era a vingança sardônica de Deus, do tipo das que aconteciam nos filmes mudos. Aquele homem horrível derrubado por uma sujeira interna, o castigo histórico para a maldade humana”, mas, suas “ideias já tinham agora contaminado uma civilização inteira e, como esporos do mal, as bichas louras cegas voavam da Terra para os outros planetas, espalhando a infecção” (DICK, 2015, p. 48). Com isto, Dick dá a entender que essa realidade, ao conquistar o universo dentro de um enredo da ficção científica, demonstra uma civilização hostil e expansionista.

O conceito de realidade alternativa, assim como de realidades paralelas são especulativas na literatura científica, mas são largamente utilizadas nas ficções científicas. A realidade paralela ficcionais acontece a um passo da realidade original dos personagens, em que podem se cruzar a qualquer momento, já a realidade alternativa, são acontecimentos distantes, em que podemos ter os mesmos personagens vivenciando situações diferentes, e nesta concepção tanto a obra de Dick quanto o livro ficcional dentro da obra representam estes universos alternativos.

No ambiente ainda em construção, as incertezas dos personagens são evidentemente sensíveis e a dependência em algo considerado místico retoma a obediência quase religiosa, em *O Homem do Castelo Alto*, um livro considerado sagrado determina as ações de todos, com exceção dos alemães, tanto os Japoneses, quanto os nativos utilizam o I Ching, em substituição a religião cristã, “vivemos de acordo com um livro de cinco mil anos de idade. Nós fazemos perguntas a ele como se fosse vivo. E ele está vivo. Como a Bíblia cristã” (DICK, 2015, p. 84). A religião serve de controle social, mas aqui temos duas questões, a fé nipônica em contraste com a doutrina nazista. Está dualidade implica formas de ver o mundo e compreender, de forma especulativa ou descrente, as consequências dos atos praticados. Porém, aqui, as consequências são inexistentes e o universo distópico se comporta como se fosse o lado avesso da antiutopia.

O universo criado por Dick, aqui, funciona como uma crítica ao pensamento nazista, na mesma linha de raciocínio, se houvesse uma outra realidade, ela seria também totalitária. No fim do livro, Dick dá a deusa, que de fato há outra realidade, mas não tão feliz assim, apenas uma perspectiva melhor, pois quem domina são os aliados EUA e Inglaterra. Com elementos mais reais no seu enredo, a narrativa sobre *O Gafanhoto Torna-se Pesado*, revela a forma mística que o livro fora escrito, narrado pelo personagem Abendsen, um tipo de avatar

de Dick, revelando que aquele mundo, cheio de intrigas fora modelado pelo I Ching, o livro das mutações, da mesma forma que *O Homem do Castelo Alto* fora escrito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro distópico escrito por Philip K. Dick contém elementos do gênero, mas que brincam com a noção da realidade. Não parte de ideais utópicas que fracassam ou narrativas que demonstram uma elite controladora. Nas suas obras, Dick deslumbra cenários futurista e as consequências tecnológicas que moldam tais sociedades, aqui, as questões tecnológicas passam para o segundo plano, conferindo destaque aos ambientes totalitários das realidades possíveis em *O Homem do Castelo Alto* e na obra ficcional presente na mesma, o *O Gafanhoto Torna-se Pesado*.

Neste universo, o que há são vidas que se tocam e se conectam de alguma forma graças ao cenário distópico. A narrativa não é presa ao gênero ficção científica e nem segue à risca o cânone, ao introduzir elementos da *euchronia* e distanciar-se do ideal do “bom lugar no futuro”, acerta na demonstração dos perigos de um mundo nazista idealizado.

Não temos uma aventura típica de um herói distópico que tomando consciência de si e das suas limitações frente a realidade vivida, enfrenta a utopia distorcida, mas sim, um mundo dividido entre os brancos arianos e os amarelos japoneses e, aqueles que não fazem parte, precisam de alguma maneira se inserir ou desaparecer. Castelo Alto não segue A Nova Utopia, de Jerome, mesmo ao tocar na padronização e eliminação das diferenças naturais. Na eliminação dos indesejáveis, diferente de 1984, de Orwell e da obra de Huxley, Admirável Mundo Novo, o projeto megalomaniaco não é de inserção sobre o regime, mas a padronização e purificação da humanidade a partir do extermínio do que alega ser inferior. Uma doutrina que visa além do homem, a urgência de deuses, Dick demonstrou o perigo de algo absurdo, perigoso até para quem se alia, visto que o plano de fundo da obra é uma iminente guerra fria, no mínimo, a vista.

De certo, nesta obra há muitos pontos a serem analisados, mas a questão totalitária que a narrativa utiliza é um dos pontos chaves, pois além de demonstrar as atualizações provocadas no gênero a partir do *O Homem do Castelo Alto*, amplia a crítica de mundos perfeitos a elementos da narrativa realista. Nas sociedades capitalistas ocidentais têm por consciência o capital e suas relações derivadas dessa consciência, a realidade alternativa de Dick possibilita a realização de uma sociedade dual, pois apesar da administração do Japão e a sua visão de colonizador e por consequência, se colocar como um ser superior evidenciado

na comparação cultural e na redução dos objetos ditos culturais como meros suvenires, a consciência dos personagens giram em torno do espectro nazista e toda a sua extensão social, tecnológico e expansionista espacial dos alemães.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Trad. Rev.: Alfredo Bossi; Ivone Castilho Benedetti. 5º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BUZELLI, José Leonardo Sousa. A nova utopia, de Jerome K. Jerome. **Morus-Utopia e Renascimento**, v. 9, p. 129-156, 2013. Disponível em: <<http://www.revistamorus.com.br/index.php/morus/article/viewFile/205/183>>. Acessado em: 23 de Jan de 2019.

CLAEYS, Gregory. The origins of dystopia: Wells, Huxley and Orwell. In: _____ (Ed.). **The Cambridge companion to utopian literature**. Cambridge:Cambridge University Press, 2010. P, p. 107-134.

_____; SARGENT, Lyman Tower (Ed.). **The Utopia Reader**. NYU Press, 1999.

COVER, A. B., Vertex Interviews Philip K. Dick, **Vertex**, v. 1, n. 6, fev.1974. Disponível em: <https://urbigenous.net/library/vertex_pkd.html>. Acessado em: 13 de Jul de 2018.

DICK, Philip K. **Androides sonham com ovelhas elétricas?**. São Paulo: Aleph, 2014.

_____. **O Homem do Castelo Alto**. Trad.:Fábio Fernandes. São Paulo: Aleph, 2009.

HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo**. Rio de Janeiro: Globo de Bolso. 22ª ed., 2013.

MOORE, Ward. **Bring the Jubilee**. New York: Wildside Press, 2009.

ORWELL, George. **1984**. 29ª ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2003.

PEAKE, Anthony. **A vida de Philip K. Dick: o homem que lembrava o futuro**. Trad. Ludimila Hashimoto. São Paulo: Seoman, 2015.

VIEIRA, Fátima. The concept of utopia. In: Claves, Gregory (Ed). **The Cambridge Companion to Utopian Literature**. Cambridge:Cambridge University Press, 2010. P. 3-27.

WELLS, Herbert George. **A máquina do tempo**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2010.

ZAMIÁTIN, Ievguêni. **Nós**. São Paulo: Aleph, 2017.